



AS FRONTEIRAS ENTRE A FÊMEA HUMANA E NÃO HUMANA E SUAS OPRESSÕES EM MUGIDO, DE MARÍLIA FLOÔR KOSBY

Lisiane Andriolli Danieli¹

Resumo

O sistema que estabelece que seres humanos são divididos em dois gêneros, fêmea e macho, é o mesmo que descreve o animal humano como superior hierarquicamente aos demais animais, não humanos. Partindo da leitura dos poemas do livro *Mugido: ou diários de uma doula* (2017), da gaúcha Marília Floôr Kosby, este artigo pretende uma reflexão sobre as representações acerca do corpo humano e não humano das fêmeas, considerando que a opressão de gênero existente perpassa pela desumanização do feminino como maneira de inferiorizá-lo e torná-lo indigno. Como meio de construir este estudo analítico e descritivamente, serão utilizadas teorias sobre ecofeminismo, gênero e análise cultural propostas por Carol J. Adams (2012), Donna Haraway (2004) e Teresa de Lauretis (1994), entre outras.

Palavras-chave: Gênero, ecofeminismo, literatura.

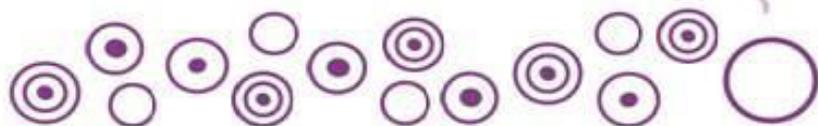
Enquanto isso matavam-se os homens, morriam os animais, ardiam as casas, ficavam ermos os campos, como em épocas passadas e menos políticas. (Wisława Szymborska)

Introdução

Propor a análise de um livro lançado tão recentemente carrega dificuldades próprias da contemporaneidade, sendo ela ainda indefinida e em construção. Minha pretensão de estudo é levantar questionamentos acerca da poesia produzida pela gaúcha Marília Floôr Kosby em seu segundo livro, *Mugido*, publicado pela editora Garupa em 2017. Para embasar as reflexões, parto de teorias da crítica literária, do ecofeminismo e, portanto, da construção social do gênero. A importância do trabalho da poeta está também na possibilidade reflexiva e universalizante de seu texto, o qual torna coerente uma discussão que aborda a exploração humana e não humana, em especial das fêmeas, como um determinante comum e naturalizado ao mundo. Dentre as diversas análises plausíveis, opto por esta que considero mais relevante e condizente com meu posicionamento político, por meio de análise e revisão bibliográfica.

Conforme Milton Ribeiro (2017, s/p) expôs, à época do lançamento de *Mugido*, a escrita do livro se deu como consequência “da memória afetiva da autora em atendimentos veterinários vivenciados desde sua infância até sua vida adulta na região rural do Rio Grande

¹ Mestranda em História da Literatura, Universidade Federal do Rio Grande, lisiad@gmail.com.





do Sul”. Vale ressaltar, ainda, o aspecto de importância que a mulher do campo e o animal têm ao longo da obra, “contrariando a ordem antropomórfica e masculina do mundo em que vivemos.” (RIBEIRO, 2017, s/p). Como se entende pelo subtítulo da obra, “diários de uma doula”, e pela entrevista com a autora, ao final do livro, feita pela também poeta gaúcha Angélica Freitas, Marília trabalha como doula – assistente de partos, com foco no bem-estar – de vacas (e nesse livro) desde 2010-2011. Assim, nos mais de 40 poemas da obra, algumas pautas podem ser identificadas: considerações sobre a domesticação de caninos e felinos; a reprodução de animais para o abate; o abate como ação masculina; o parto das vacas.

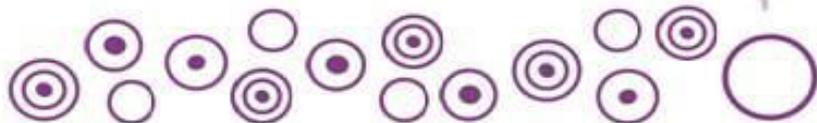
A mulher muge

Nossa leitura humana acerca da “não humanidade” animal é desafiada ao se nomear a onomatopeia, a voz do gado, e não entender seu significado, algo que é estranho aos seres humanos, dotados de língua. Tanto Marília Floôr Kosby quanto Angélica Freitas, em posfácio na obra, abordam o mugido como incompreensível. Tal noção converge com a dificuldade de nós, humanos, entendermos a luta pela libertação animal, uma vez que os membros do grupo explorado não podem rebelar-se contra a opressão sofrida, o que nos obriga a ter esse papel de verbalização.

[...] parem pra ver uma vaca mugir já nem digo ouvir ouvir é difícil, o mugido de uma vaca parem pra ver e procurem a próxima nota em que palavra daria aquela melodia aquele esforço todo de guela, olho, bucho, língua, rúmen que fecunda epifania valeria aquele esforço todo? traduzam o mugido (KOSBY, 2017, p. 11)

Para a advogada estadunidense Carol J. Adams, em sua grande obra *A política sexual da carne* (2012), o sofrimento animal e humano está inter-relacionado, por isso não há possibilidade de separação das lutas contra opressões. Nesse sentido, o antiespecismo – luta pelo fim da exploração animal – e o antissexismo – luta pelo fim da exploração das mulheres – podem e devem estar juntas. A mesma objetificação e invisibilização das opressões sofridas pelas mulheres (e suas intersecções de raça e classe) ocorre com os demais animais, que não têm seu sofrimento nem mesmo notado. O eu-lírico do primeiro poema de *Mugido* é inquisitivo, faz quem o ler se sentir pressionado a tomar atitudes devido ao uso dos verbos no imperativo “parem” e “traduzam”. Ao descrever a anatomia da vaca – com termos distintos ao corpo humano, mas que significam o mesmo – pode ocorrer autoidentificação animal-humana. Dotados de voz, os seres humanos privilegiados devem propagar as desigualdades como forma de alterar a realidade.

A construção da divisão humana por dois gêneros – masculino e feminino – constitui uma hierarquia causadora de opressão. Uma maneira de caracterizar este dualismo é proposto





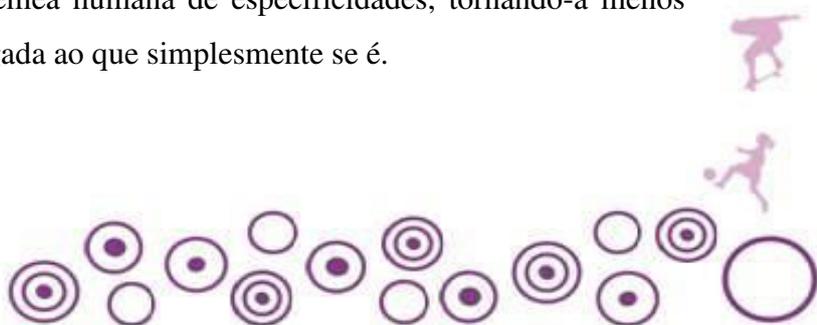
pela pesquisadora italiana Teresa de Lauretis (1994), que, a partir de uma percepção foucaultiana, estabelece a existência de tecnologias sociais – a cultura é um constructo proposital, por isso uma tecnologia –, definidas por ela como o cinema, os discursos, as epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, além das práticas da vida cotidiana. O gênero seria, assim, representação e autorrepresentação, produto do que as tecnologias sociais apontam. Ou seja, não é natural. Apesar disso, negar o gênero como natural, biológico, orgânico ou necessário para a existência humana não é negar a opressão que ele exerce sobre as mulheres, por continuar existindo como método de repressão. Da mesma forma, há o estabelecimento da superioridade humana sobre o restante dos animais. No dualismo, sempre se considera o Um e o Outro, superior e inferior, homem e mulher, humano e não humano, branco e preto, rico e pobre, patrão e proletário. Nesse sentido, toda hierarquização é prejudicial.

A abordagem da ecologia como meio de pensar e questionar a produção cultural aparece em *As três ecologias* (1990), do filósofo francês Félix Guattari. Conforme o autor, a ecosofia articula politicamente o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana. Há necessidade, assim, de equilibrar esses três aspectos, uma vez que seu desequilíbrio pode ocasionar a escalada de opressões como o racismo, o fanatismo religioso, entre outras.

A ecosofia social consistiria em práticas que reinventariam nossas de ser em sociedade; a mental reinventaria nossa relação com o corpo e a morte; a ambiental tenderia a evitar catástrofes ambientais dependentes da ação humana. A isso podemos relacionar as estatísticas diversas que apontam o prejuízo que o consumo de produtos animais causa ao planeta: uso excessivo de recursos não renováveis como água; emissão de gases causadores do efeito estufa e mudanças climáticas; grande parte do desmatamento e, enfim, desigualdade social.

Ao adotar apenas a biologia e valorizar a natureza corre-se o risco de essencializar a mulher; torna-la algo à parte; “naturalmente” diferente e, como conceituado pela filósofa francesa Simone de Beauvoir, o segundo sexo. Porém, o papel dessas reflexões é justamente o contrário. Como expõe a filósofa estadunidense Donna Haraway, “ser um sujeito no sentido ocidental significava reconstituir as mulheres fora das relações de reificação (como presente, mercadoria, objeto de desejo) e apropriação (de bebês, sexo, serviços)” (HARAWAY, 2004, p. 226). Portanto, deve-se dissociar a fêmea humana de especificidades, tornando-a menos limitada a definições culturais, mais apegada ao que simplesmente se é.

As fêmeas comestíveis



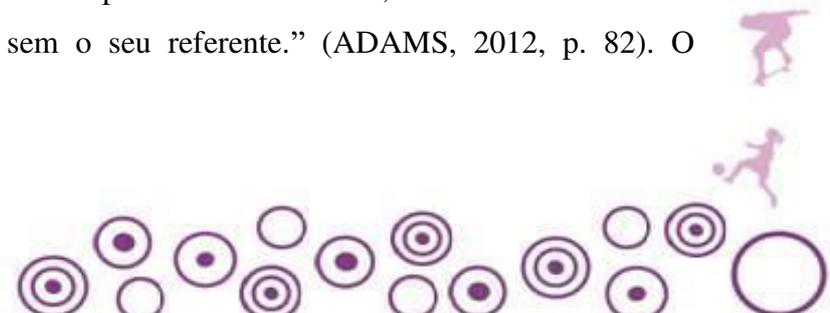


Um ser humano sem direitos é tratado como animal: pessoas negras escravizadas; mulheres; proletariado. E o animal é considerado objeto de consumo. Novamente: ocorre a relação direta entre opressões. Existe a necessidade de desconstrução do eu-outro, podendo ser identificada na intertextualidade do texto de Marília Floôr Kosby com a obra *Um útero é do tamanho de um punho* (2012), de Angélica Freitas. Enquanto esta fala do corpo da mulher, dos tratamentos que este ser recebe em diversos âmbitos, a autora de *Mugido* trata do corpo das vacas, por exemplo. Não deveria ser ofensiva a comparação entre vaca e mulher, assim como não o é entre touro e homem; em concordância à Carol J. Adams (2012), argumento que o feminino aparece associado ao negativo na maioria das vezes, uma vez que a linguagem que animaliza mulheres e efemina animais não as considera nunca no mesmo nível social e político que o homem.

Angélica o parto de uma vaca não é uma coisa simples envolve um útero imenso que rebenta e frequenta não raro o lado de fora um rebento imenso! o parto de uma vaca requer punhos firmes finos porém matar uma vaca não é uma coisa simples requer um tiro certo alto calibre o ponto preciso longe do meio da testa dois cavalos três ou quatro homens um guri quem sabe uma mulher carnear uma vaca exige sangrá-la até a última gota para que a carne não termine preta sangrar uma vaca é para exímios comer uma vaca porém (KOSBY, 2017, p. 29-30)

No mesmo poema, é possível reconhecer a perspectiva do nascimento e da morte, visto que a vaca, em vida, produz leite e terneiros e, em morte, proporciona sua carne para consumo. Compara-se o processo do parto animal e humano e suas complexidades específicas. A linguagem poética articula o verbo “rebentar” com o substantivo “reberto”, a ação e o objeto. O punho, em referência ao título da obra de Angélica Freitas, necessário ao parto é fino – feminino?

No decorrer do texto, matar também é marcado como um ato que não simples de fazer. Em compensação, para matar é necessária a figura masculina: “três/ou quatro homens/um guri”; a figura da mulher aparece apenas como uma possibilidade, não uma inevitabilidade. Sendo matar, carnear e sangrar uma vaca uma ação complexa, o eu-lírico a define como algo para “exímios”, isto é, pessoas competentes, de excelência; “comer um vaca porém” é o verso final que, pelo uso do termo adversativo, propicia a criação de um adjetivo negativo e correspondente aos consumidores da carne. Essa leitura converge ao que Carol J. Adams aponta: ocorre “o consumo real do animal, agora morto, e o consumo metafórico do termo ‘carne’, de tal modo que ele se refere somente a produtos alimentícios, e não ao animal morto. Numa cultura patriarcal, a carne fica sem o seu referente.” (ADAMS, 2012, p. 82). O referente seria a vida.





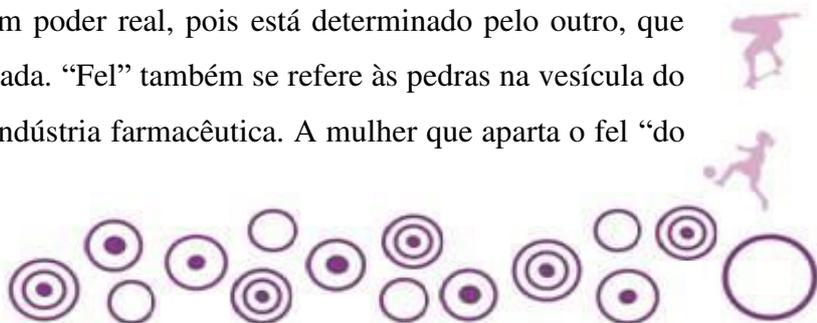
A ativista Carol J. Adams explora a origem e permanência da cultura carnista em nossa sociedade. Para a autora, é impossível dissociar o carnivorismo do patriarcado e, portanto, da misoginia. O consumo de carne seria o que proporciona a virilidade; nesse sentido, a masculinidade associada à violência está tanto em relação aos animais não humanos quanto às humanas – ambos seres inferiores ao homem: “O consumo de carne é um constructo, uma força, uma realidade econômica; e também uma questão pessoal muito real.” (ADAMS, 2012, p. 35). Às mulheres resta os alimentos de origem vegetal e a atividade doméstica.

mulher tu me faz uma galinha com arroz que eu passei a noite depenando depenando bichos decapitados mulher me faz uma galinha com arroz que eu passei a noite escaldando pés de bichos mutilados mulher não tira essa mão daqui que a noite andava fria e essas tuas mãozinhas tão mais destrás do que as minhas passam a noite me apartando o fel do que é de se comer (KOSBY, 2017, p. 67)

O poema reflete a realidade da divisão sexual do trabalho. Expõe-se a mulher domesticada que, semelhante à galinha, serve ao homem. O uso de expressões como “decapitados” e “mutilados” podem ocasionar incômodo pela violência que representam, mas aparecem no poema como naturais, que fazem parte do cotidiano de trabalho. Conforme Simone de Beauvoir expõe, existem funções definidas para cada sexo/gênero:

No mundo humano, a mulher transpõe as funções da fêmea animal: ela alimenta a vida, reina sobre as regiões da imanenência; o calor e a intimidade da matriz, ela os transporta para o lar; ela é quem guarda e anima a casa em que se deteve o passado, em que se prefigura o futuro; ela engendra a geração futura e alimenta os filhos já nascidos; graças a ela, a existência, que o homem despende pelo mundo no trabalho e na ação, concentra-se retornando à sua imanenência: quando à noite ele volta para casa, ei-lo ancorado à terra; pela mulher, a continuidade dos dias é assegurada; quaisquer que sejam os acasos que enfrente no mundo exterior, ela garante a repetição das refeições, do sono; ela conserta tudo o que a atividade destrói ou desgasta: ela prepara os alimentos do trabalhador cansado, dele trata se está doente, cerze, lava. (BEAUVOIR, 2016, p. 242-243)

Nesse sentido, as funções de cuidadora da mulher combinam com o papel de provedor do homem, estável no patriarcado, que só existe em termos de superioridade aos outros. A última estrofe do poema demarca, mais uma vez, o comando do homem sobre a mulher, que ocorre desde o imperativo “me faz”. Nesse ponto, a mulher e suas “mãozinhas”, um tanto infantilizadas e mais sensíveis, têm o poder obrigatório de melhorar a noite de um dia ruim do homem. Tal “poder” feminino está limitado apenas à sua possibilidade de satisfazer sexualmente o homem; ou seja, não é um poder real, pois está determinado pelo outro, que precisa ter sua existência menos amargurada. “Fel” também se refere às pedras na vesícula do gado, as quais valem muito dinheiro na indústria farmacêutica. A mulher que aparta o fel “do





que é de se comer”, tira do homem o peso da violência, da culpa e do amargor que é estar contra outros animais. Portanto, as fêmeas proporcionam alívio alimentar e sexual, sem terem suas necessidades de vida consideradas.

Considerações finais

A crítica literária adapta-se às necessidades impostas pela arte. A adoção desse livro como discurso pró-abolição animal parte da minha perspectiva de leitura, como toda análise literária acaba por ser, visto que sou um ser pensante que acolhe e propaga ideias que concorda. A cultura demonstrada no livro estudado é a gaúcha, a qual tem desde sua origem a pecuária e o ser “homem macho” muito relacionado à doma, ao carnear e ao comer animais. Portanto, como percebido nas análises, a violência é reiterada como normal e esperada, até cobrada.

Evidentemente, assim como a construção do gênero degradante, o carnivorismo e a dominância masculina está em grande parte do mundo, ainda que atualmente tenhamos mais acesso às teorias que questionam e contrariam tais atitudes, da mesma forma que ocorre com o feminismo. A descolonização dos corpos e das culturas se faz cotidianamente, inclusive na nossa alimentação. O estudo realizado neste texto é apenas provocador e encorajador de novas análises, mais aprofundadas e plenas, a fim de tentar abordar em completude uma poética tão complexa e instigante como a de Marília Floôr Kosby.

Referências

ADAMS, Carol J. *A política sexual da carne: a relação entre o carnivorismo e a dominância masculina*. Tradução de Cristina Cupertino. São Paulo: Alaúde, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Trad. Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

FREITAS, Angélica. *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. Tradução de Mariza Corrêa. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 22, p. 201-246, 2004.

KOSBY, Marília Floôr. *Mugido: ou diários de uma doula*. Rio de Janeiro: Garupa, 2017.





LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-241.

RIBEIRO, Milton. Garupa chega ao Rio Grande do Sul para o lançamento de Mugido, segundo livro de Marília Floôr Kosby. *Sul 21*, Porto Alegre, 15 nov. 2017. Guia 21. Disponível em: <<https://guia21.sul21.com.br/livros/garupa-chega-ao-rio-grande-do-sul-para-o-lancamento-de-mugido-segundo-livro-de-marilia-floor-kosby/>>. Acesso em: 27 abr. 2018.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas Aguiar
Diagramação: Thomas Aguiar

